

CULTURA DA VIOLÊNCIA

Numa pequena rua de chão, onde meninos vizinhos jogavam furingo todas as tardes, um morador teve a vidraça quebrada. Rasgou a bola, brigou com seu filho que também jogava, foi até a casa do autor da façanha e nervoso, atirou a bola murcha no jardim. Disse e ouviu desaforos. Não satisfeito, foi à justiça. Hoje dois pais não se falam, os filhos continuam jogando, distantes dos seus olhos e próximos a influências desconhecidas. Anos antes fato semelhante teve desfecho diferente. Chute forte sem rumo quebrou a vidraça da casa de um velho pescador. Ele foi até à rua e negociou: - “Vou consertar e vocês me pagam limpando o quintal e pintando meu muro”. Vive em paz, embora preocupado com o neto que agora também brinca distante. Frequentemente civilizados perdem a elegância: no século passado, procurando o assassino no famoso “Crime da Mala” a polícia parisiense expôs a mala na qual o cadáver foi encontrado. Essa exposição de um mês no Necrotério, superou o público de um ano no Museu do Louvre.

Antropólogos afirmam que a nossa espécie dizimou a Neandertal porque éramos mais violentos do que nossos concorrentes de até 30 000 anos atrás. Os índios que viviam guerreando, canibalizando e buscando a morte “bonita”, antes de conhecerem a civilização, parecem confirmar a tese de que ela reprime o instinto agressivo do bicho-homem. Entretanto, algumas instituições da civilização descuidam a convivência, promovendo o desprezo pela vida e a indiferença pelo próximo. História, política, economia, esporte e religião exibem atitudes pouco civilizadas: A história valoriza a guerra em detrimento da paz (Conhecemos mais Napoleão do que Pasteur ou Gandhi). Políticas econômicas têm mantido privilégios e ampliado diferenças (Propiciando conflito, desilusão e crime). Pagamos e até concedemos medalhas olímpicas a homens e mulheres que lutam em ringues no meio de platéias, muitas vezes com resultados fatais. (Se ao invés de porrada trocassem carinhos, seriam censurados, vistos com desconfiança ou condenados por atentado ao pudor). Religiões cristãs cultuam santos guerreiros, virgens e deuses mágicos, distantes do ideal de paz, fraternidade e amor que Cristo pregou. (Nossa Senhora dos Prazeres, cultuada no ES desde o séc. XVI, passou a NS das Alegrias e a Padroeira como NS da Penha (pedra) despida de emoções positivas. A “multiplicação” dos pães e peixes, feita por Jesus, é vulgarizada como milagre em vez de solidariedade. A atitude própria de líder religioso que, através da palavra sensibiliza corações, para levarmos ao altar nossas contribuições e percebermos que possuímos juntos o suficiente para todos e sobra, fica prejudicada).

Entre países vizinhos, relações se estabelecem prontamente se a motivação for a guerra. Se argentinos agredissem o Brasil, a eficiente mídia nacional instantaneamente colocaria a Nação em pé de guerra. Voluntários se alistariam, ouro seria recolhido em campanhas. Ocorrendo o conflito venderíamos mais jornais mas perderíamos vidas, bens e muito dinheiro. Agora que o vizinho está financeiramente arruinado (espoliado por minoria dominante) o Brasil advoga a seu favor nas instituições internacionais. Tá difícil, mas mais fácil que na guerra. É hora de uma conversa de fundo de quintal. Se imaginarmos o que perderíamos lutando e o custo da segurança na fronteira, nos disporíamos a cooperar mais com nosso vizinho pacífico, bom de futebol.

Aceitamos com mais naturalidade violência do que afeto; o insólito ou inusitado do que amor e solidariedade.

Kleber Galvêas –

05\02

Rua: Antenor Pinto Carneiro, 66 - Centro - Barra do Jucu - Vila Velha - Espírito Santo - Brasil -
Cep.:29125-120 Telfax: (27) 3244-7115.
e-mail: atelie@galveas.com www.galveas.com